

Um teorema nas urnas

Cidade-satélite, eis uma força de expressão que acaba povoando todas as análises sobre Brasília e o Distrito Federal. A expressão consagrada devia porém ser revista. Se do ponto de vista espacial a nucleação ou satelitização desses bairros em torno do Plano Piloto é um fato concreto, do ponto de vista sócio-econômico, sua formação, sua evolução, o destino previsível em termos de tecido social e econômico são objetos de análise para reflexões mais maduras do que as que geralmente se esboçam.

As eleições de 1986, aliás, é que se encarregarão de fazer a primeira cultura desses tecidos sociais, encarregando-se de demonstrar, como a um teorema, as distâncias sociológicas que existem entre uma Taguatinga e uma Sobradinho, por exemplo.

É pena que não se disponha de instrumentos, mais sofisticados para medir a conformação desses espaços ilusoriamente homogêneos e que se mostram cada vez mais personalísticos em suas funções internas e externas.

O tempo de existência, as características de formação e mais uma meia dúzia de indicadores serviriam porém para demonstrar a natureza heterogênea dessas localidades, que sendo bairros de Brasília não se confundem com ela e que estando no Distrito Federal mais se assemelham, em termos de estruturação, às cidadezinhas do interior de Goiás e de Minas. Um Distrito Federal que no contexto do país, através de seus bairros satélites, é muito centro-Oeste, inconcluso e mal-fixado como todas as outras estruturas urbanas do centro-oeste.

De fato, se Brasília foi um ato de coragem de mudança, do desejo de história do país levado aos últimos extremos, o mesmo não se passou com a pasmaceira de seu território ou de sua região.

Se a experiência urbanística de Brasília é a mais importante do século, o mesmo não se deu quanto às suas funções econômicas, sociais e regionais, pouco trabalhadas, pouco explicitadas, atropeladas pelas contradições ditadas pelo avanço do capitalismo no centro do país.

Resumo desse processo maior é a existência e o processo de fixação dessas "cidades-satélites", que derivam esse nome da própria ótica equivocada, primeiro, de se considerar Brasília, (por ser urbanisticamente planejada) como uma excessão Superlativa ao processo histórico brasileiro. Depois por sua não-aceitação, seja integrando como bairros a malha da segunda cidade (Plano Piloto) mais populosa do centro-Oeste (a primeira é Goiânia), seja por exporem (até com pouca ênfase, convenhamos) a verdade do país, das pessoas que aqui vivem.

Se revertermos assim essa ótica, Brasília e o Distrito Federal nada mais são em realidade do que um mosaico, um mostuário daquilo que é a média do

viver brasileiro e deste ponto de vista deve orgulhar-se profundamente de em tão pouco tempo espelhar com fidedignidade todo o país, por causa justamente de seus bairros.

E há bairros para todos os gostos e para cada tese de mestrado que se queira fazer.

Assim, Brazlândia e Planaltina tem suas raízes, a primeira e princípios deste século, a última provavelmente em fins do século XVIII, quando todo o território do DF já se partia em fazendas de gado legalmente constituídas. Eram elas até pouco tempo atrás (quando se lhes adicionaram, via Terracap, novos setores populacionais), lugares eminentemente rurais, "A Rua de Comércio" que servia à intermediação da produção rural, de que Brazlândia ainda conserva grande parte das características, enquanto já Planaltina foi muito convulsionada.

Já o Núcleo Bandeirante e Taguatinga, montados peça a peça em seus primórdios como núcleos de apoio à construção de Brasília, são duas localidades bem sedimentadas do ponto de vista endógeno sócio-econômico. O Núcleo Bandeirante trouxe do passado uma estrutura de estabelecimentos comerciais e industriais, que, (guardadas as grandezas populacionais) é o dobro do Plano Piloto em termos quantitativos. Um bairro quase perfeitamente integrado, com mecanismos de auto sustentação e de complementariedade com Brasília ajustados, a caminho de sustentar-se em determinadas órbitas de emprego e renda. Um exemplo para o Cruzeiro e o Guará, que mais novos, não conseguiram montar ainda esse microcosmo.

Seguindo o mesmo caminho, mas com densidade e grandeza específicos, Taguatinga, esta sim, talvez se assemelhe mais a uma cidade do que a um bairro. Uma cidade que apoia o complexo inorgânico da Ceilândia que é sua extensão sócio-econômica mal planejada e alocada. Se, (por uma hipótese apenas graciosa), Taguatinga fosse reincorporada ao Estado de Goiás, com novos espaços de drenagem econômica a ela afeitos, rapidamente estaria entre as três ou quatro mais importantes cidades do estado visinho.

Finalmente, antes de sairmos dessas utopias do urbano possível do D. F., vale citar Sobradinho como um bairro com boas esperanças de regulamento funcional ao longo do tempo, desde que não a sufoquem com novos contingentes habitacionais. Em termos do viver sócio-econômico encontra-se ainda num meio termo entre Taguatinga e localidades menos resolvidas, como o Guará e o Gama. Sem falar-se é claro na selvageria da Ceilândia e dos bairros do entorno, que como o nome indica, é onde entorna o caldo. Assuntos porém para outros **Dossiê Brasília**, nos próximos domingos.